
**AS FANTÁSTICAS HISTÓRIAS DE TRANCOSO:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS BOTIJAS NO ALTO SERTÃO
DA PARAÍBA (1940-1950)**

Danilo de Sousa Cezárioⁱ
Helmara Giccelli Formiga Wanderleyⁱⁱ
Universidade Federal de Campina Grande
daniломotos@hotmail.com
helmaragiccelli@hotmail.com

Desde tempos remotos, histórias de tesouros escondidos mexem com o imaginário das pessoas em todo o mundoⁱⁱⁱ, provocando em alguns, encantamento, deslumbre, enquanto outros são tomados de medo e de espanto. Tais narrativas atraem a curiosidade, o espírito de aventura e a cobiça em pessoas de todas as idades, seja por seu caráter mitológico, sejam por se tratar de algo valioso, os tesouros.

Não são poucos os pesquisadores que tentam de todas as formas dar sentidos ou explicações para tais praticas^{iv}. Alguns afirmam que as botijas resultam de períodos conturbados da história, tais como batalhas, revoltas, revoluções, ou qualquer outra ocorrência, a exemplo das guerras bárbaras na sociedade medieval^v, ou mesmo, numa redução de escala, as invasões ou ameaças de invasões de cangaceiros nas cidades nortistas do Brasil.

Segundo o Sr. Manuel Izidro,

Achar botija eu nunca achei não, mas seu Godô e a irmã acharam. Os dois foram embora aqui de Boqueirão. Quem acha botija não pode ficar no lugar não. Ele dizia que um dia tava (sic) caminhando assim na beira da estrada e uma pessoa começou a perseguir ele. Foi deixar ele em casa. Aí no caminho a pessoa dizia que tinha um tesouro pra ele e pra irmã dele. Disse como tinha que fazer pra eles arrancar (sic), aí ele foi pegar a irmã e foram, os dois. Quando chegaram em casa foi só arriar. Ai o povo diz que a botija foi enterrada por causa dos cangaceiros que aceravam nessa região e o povo com medo de perder suas coisinhas escondiam e não lembravam mais onde (2010).

Assim sendo, temendo perder o que se tinha de mais valioso materialmente, as pessoas, fossem elas ricos fazendeiros ou grupos economicamente desprovidos de riquezas, enterravam seus “tesouros” em áreas próximas a suas residências, ou até mesmo dentro delas.

No que se refere a São José de Piranhas, isso se confirma a partir dos relatos orais das pessoas que vivenciaram a experiência de ver, ouvir, sonhar, imaginar e

mesmo encontrar “botijas”. Tais pessoas, a exemplo da Sra. Maria Monteiro e do Sr. José Cezário, afirmam que estas ocorrências quase sempre se passavam dentro da casa do mercedor do tesouro, ou então perto de árvores centenárias, tais como Juazeiros, Agaves, Castanholas, Palmeiras ou Agarobas, comuns no Alto Sertão da Paraíba.

Dito isto, cabe-nos, antes de tudo, tentar definir o que são as “botijas”.

No Dicionário do Folclore Brasileiro Para Estudantes, a autora Rúbia Lóssio afirma que:

como antigamente não havia bancos nas cidades do interior, as pessoas colocavam suas economias (moedas de prata e ouro), dentro de uma panela de barro devidamente fechada que era enterrada em um dos quartos da casa ou embaixo de uma árvore (2010).

Hoje em dia, existem inúmeros bancos que possuem sistemas apropriados para guardar os bens materiais das pessoas, porém, há alguns séculos ou até mesmo décadas atrás, estes eram raros^{vi}.

Tendo em vista que o processo de modernização das cidades se deu em períodos diferentes e em ritmos também distintos, nosso objetivo no presente ensaio é analisar, dentro desse contexto, onde as cidades litorâneas foram contempladas com casas bancárias, o caso da cidade de São José de Piranhas, localizada no interior do Estado da Paraíba. Nesta urbe, as práticas dos moradores em enterrar jóias, ouro, moedas, eram muitos “comuns”, até meados do século XX, segundo as representações dos nossos moradores.

Ah, naqueles anos as coisas eram muito precárias. Quem tinha as coisas, escondia em casa mesmo, num lugarzinho secreto. A pessoa tinha uma caixinha aí colocava suas coisinhas dentro e escondia, às vezes enterrava. Papai, eu lembro, tinha uma mala daquelas grandes de colocar roupa. O fundo era falso, de mentira! Aí ele tirava aquele fundo e colocava tudo dentro (SOUSA, 2009).

E continua

Quando os cangaceiros ameaçaram invadir a cidade, papai pegou tudo o que tinha e colocou numa lata de ferro furnida, com um gancho já pronto na ponta, aí jogou dentro de um cacimbão e só tirou quando o bando foi embora. Muita gente fez isso e perdeu, deixou lá, esqueceu onde tinha guardado. Aí depois vem dizer pra um vivo onde tá (sic), pra ele desenterrar, é a botija! (SOUSA, 2009).

Independente da intenção, ou do motivo de se enterrar estes tesouros, o que se destaca é que estes fatos são pensados, representados, sentidos, usufruídos e

supostamente inventados a partir das subjetividades de quem viveu aquela ocorrência, o que nos permite também, dado a nossa leitura, criar novas possibilidades para um estudo das cidades e quiçá também das suas zonas rurais.

Destarte, também o Sr. José Cezário lembra que:

Uma das práticas mais velhas e mais conhecidas de se esconder dinheiro contra os “malfeitores”, e ora praticada pelos moradores da Vila de São José de Piranhas, era enterrar seus “tesouros” no chão. Esta prática poderia ser feita em potes de barro, baús, ou caixotes! (2010).

Para que possamos entender o fenômeno das botijas na região em estudo, temos que nos remeter a origem da antiga vila de São José de Piranhas^{vii}, onde, segundo os memorialistas da cidade “seu povo guerreiro e batalhador ergueram a cabeça depois de um acontecimento inusitado para toda a cidade” (LIMA, 2010), quais sejam: em face da construção de um açude, Engenheiro Ávidos (Boqueirão), nos anos 1930, ocasião em que a pequena vila, foi totalmente submersa.

Voltando ao ano de 1925, contam os piranhenses, sucedeu-se uma visita inesperada ao município de São José de Piranhas, Lampião, Virgulino Ferreira da Silva, e seu bando, teriam provocado, num impulso desesperado dos antigos moradores daquele espaço, o entesouramento dos bens materiais daquela gente^{viii}. (LIMA, 2010).

A passagem do temido cangaceiro pela pequena vila durou dois dias apenas, mas, mesmo em face da curta duração, provocou muito tumulto na cidade. São José de Piranhas viveu dias agitados.

Quando o povo soube que Lampião estava perto da Cidade, era gente matando galinha pra comer, levando a família para outro lugar nos burros, só você vendo o “funaré”, escondendo o que tinha pra eles não roubar (sic). (OLIVEIRA, 2010).

Aquela ocorrência teve algumas consequências.

Muitos daqueles que enterraram suas fortunas, não tiveram tempo para desenterrá-las, ou não conseguiram encontrá-las, de forma que este fenômeno de desorientação geográfica passa a ser representado, pelos piranhenses, como “botijas encantadas”, e explicadas a partir da lógica do não merecimento, o que imediatamente cria a condição do merecedor^{ix}.

Segundo a historiadora Maria do Socorro Cipriano,

A avareza tem, pois, nesses universos da riqueza encantada um lugar de destaque, uma vez que se a botija existe é por que também existe um poupador, o avaro: pessoa atormentada por esconder sua fortuna da vista de outrem; pessoa que não tem paz e, é quase sempre um infeliz, apesar da fortuna (2010, p. 88).

E continua a autora: “perder a fortuna abruptamente parece ser o destino do avarento” (2010, p.91). Claro que a perda da fortuna, dentro do universo das astúcias dos homens ordinários, na perspectiva certeuniana, pode ser fruto do “achamento” por parte do outro, considerado, no imaginário popular, merecedor, sem levantar discórdia ou mesmo desconfiança. Destarte, as botijas, dentro deste universo, vêm explicar o enriquecimento ilícito de alguns, e o empobrecimento, ou diminuição da fortuna de outros, o que sem tais práticas levaria os homens e mulheres daquele território a digladiarem-se em defesa dos tesouros.

A construção do açude do Boqueirão^x, e a conseqüente inundação da cidade, foi um acontecimento que não estava previsto pela população piranhense, que em 1932 teve que ser deslocada, às pressas, para o sítio Jatobá, região que fica a 12 km da antiga vila. O deslocamento provocou uma enorme mudança cultural na cidade, e não poderia ser diferente, afinal, naqueles espaços, havia, tal qual na cidade invisível de Zaíra de Ítalo Calvino, pedaço de memórias, histórias, sociabilidades^{xi}. Porém, cabe ressaltar que não foram deixados para trás somente riquezas culturais, também, contam os antigos moradores, foram deixados lá, tesouros materiais e acorrentados a eles, a alma dos seus “donos”. Os “tesouros”, enterrados em vida por pessoas que poderiam ou não ser avarentas, nos remete a uma prática que ao mesmo tempo pode ser uma astúcia^{xii}, onde o medo de perder seus bens leva-os a praticarem qualquer coisa, até esconder o dinheiro para não gastar.

Reza a lenda, segundo as representações dos grupos nomeados como populares, que dinheiro enterrado no chão a cada ano desce um palmo, até que suma de vez e só apareça depois que a pessoa que o enterrou falecer. De forma que o tesouro ressurgirá em forma de botija.

Afirma em seus depoimentos o Sr. José Cezário e a Sra. Maria Irací de Oliveira que, na transferência da cidade, alguns moradores conseguiram desenterrar seus “tesouros”, outros, por inúmeros motivos, acabaram perdendo seus bens enterrados.

Muitos homens que eram ricos “naquele tempo” quase enlouqueceram com a perda, estes, conseqüentemente, ficaram pobres. (2010).

Assim, no caso de São José de Piranhas de Cima, contam os nossos rememoradores que, após a morte dos homens que perderam suas fortunas aparições de “almas penadas” indicando botijas, se tornou comum na região (OLIVEIRA, 2010).

Segundo a lógica cristã, o fenômeno de ver almas “penadas” estaria ligado ao fato de que aquelas pessoas, supostamente avarentas, estariam padecendo no purgatório por motivos de ganâncias, ambição ou mesmo insegurança e que o “sortudo”, tinha como missão, para merecer a fortuna, libertar o avarento daqueles grilhões.

Sobre estas práticas de botijas na antiga São José de Piranhas quando da tomada pela água do boqueirão, a Sra. Maria Irací de Oliveira lembra:

Onde tem muita botija é lá no açude do Boqueirão, onde enterraram e a água cobriu, as águas cobriram as casas, e pronto! Quem tinha os dinheiros enterrados a água acabou... Então as aparições [de almas] para esse povo que agora mora aqui em São José de Piranhas começou. Mas esse povo que vê essas almas é o mesmo povo que morava lá antigamente. (OLIVEIRA, 2010).

Já a historiadora Maria da Paz Medeiros Dantas conta que, segundo seus narradores, para arrancar a botija é necessário:

Ir bem preparado: levar terço, vela, cordão de São Francisco a fim de afastar a assombração – o demônio, que faz de tudo para evitar que a mesma seja extraída, pois não deseja a salvação da alma (2005, p.278)

Se as almas eram salvas ou não, não temos certeza. Contudo, nos importa dizer que as histórias de botijas, inseridas nesse universo ora real, ora imaginário, não se esgotam neste trabalho, uma vez que outros aspectos, políticos, econômicos, sociais podem ainda ser abordados, apontando para a pluralidade cultural que está imbricada nos estudos do saber popular.

ⁱ Discente do curso de História da UFCG.

ⁱⁱ Mestre em História pelo programa de Pós-graduação da UFCG e professora da UFCG - campus Sousa e Cajazeiras.

ⁱⁱⁱ Só para se ter uma breve idéia de como é vasto o universo de representações sobre histórias maravilhosas, elencamos aqui, o Egito e suas misteriosas pirâmides, que além de estarem povoadas por seres reais e imaginários, desperta também o espírito dos aventureiros que durante séculos enveredam em seus labirínticos caminhos para descobrir tesouros; também não podemos esquecer as incríveis aventuras de Ulisses o herói grego da Odisséia que investido na armada grega, depois de pilhar alguns tesouros os

esconde, aguçando a cobiça de marinheiros de toda a Grécia. Mais recentemente, nos séculos XVI e XVII, foram os europeus quem se tornaram os grandes corsários dos mares, tanto pilhavam quanto escondiam riquezas tomadas de assalto em suas maravilhosas aventuras marítimas.

^{iv} Aqui na Paraíba, destaca-se o trabalho pioneiro da historiadora Maria do Socorro Cipriano, *Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba*. Também a historiadora potiguar Maria Paz Medeiros Dantas, em seu estudo *Desvendando o saber popular: histórias e credences contadas pelos Carnaubenses*, traz uma reflexão sobre o mundo dos mortos a partir da perspectiva dos sonhos de botija.

^v Sobre isto ver Le Goff, *A Civilização do ocidente medieval*. Na obra o autor fala do entesouramento dos bens materiais da igreja Católica, ocorrido diante da ameaça de saques e o seu posterior desentesouramento o que ocorre sobre uma atmosfera mística, o milagre.

^{vi} Sobre isto a novela *Global Sinhá Moça*, baseada no livro homônimo de Maria Dezone Pacheco Fernandes e nos textos originais de Benedito Ruy Barbosa, apresentada em 2006 traz uma bela representação, quando o Barão de Araruna, por não confiar sua riqueza aos bancos da região, esconde-o em lugar misterioso no interior de sua casa. Vindo o tesouro a ser roubado e enterrado em terras do mesmo barão.

No que diz respeito ao Brasil, o primeiro banco a ser criado foi o Branco do Brasil, iniciativa de Dom João VI, quando da sua chegada a esta terra. O banco estava localizado na cidade do Rio de Janeiro, de forma que as cidades e vilas situadas no interior do país não foram contempladas com filiais, permanecendo a prática de esconder as riquezas em caixas, no interior de santos “ocos” ou ainda enterrá-las.

^{vii} A antiga sede da Cidade de São José de Piranhas localizava-se na Zona Fisiográfica do Alto Sertão paraibano, na Microrregião de Cajazeiras. Afirma o historiador piranhense, José Marconi Gomes, que esta pequena vila pertencia ao: “Sertão de Piranhas, que foi habitado pelos índios Pegas, era constituído pelas antigas sesmarias pertencentes a “Casa da Torre” – Bahia, latifundiários da época colonial e fazendeiros do Piancó que ali se estabeleceram nos primeiros dias do século XVIII”. (VIEIRA: 2006: p. 20).

^{viii} A prática de enterrar tesouros foi muito constante nas cidades brasileiras. Enterrava-se das mais diferentes formas, e tudo era válido para proteger os tesouros. A prática de esconder metais em santos ocos, também foi constante em Pombal, conforme contou a Sra. Zulmira Viana a historiadora Helmara Giccelli F. Wanderley, em entrevista concedida em 05 de Julho de 2008.

^{ix} Sobre isto ver CIPRIANO, 2010.

^x A construção do açude de Boqueirão está entre as obras contra a seca de 1932. Conforme a historiadora pombalense, o interventor do Estado da Paraíba, Ruy Carneiro, por iniciativa do Ministro da Aviação, José Américo de Almeida, iniciaram a construção de muitas obras emergenciais, que visavam aliviar as dificuldades da seca (WANDERLEY, 2009).

^{xi} Sobre as sociabilidades do espaço, as relações de morar, ver Mayol. In. CERTEAU, 2008. Ainda que o autor refira-se as sociabilidades do bairro, o que não é o caso da cidade de São José de Piranhas, suas idéias podem aqui ajudar a compreender a cartografia social daquela pequena cidade.

^{xii} Sobre o conceito de astúcias ver: Certeau, 2009.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CEZÁRIO, José Sobrinho. *Entrevista concedida ao autor*. São José de Piranhas. 16. junho de 2010.

-
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CIPRIANO, Maria do Socorro. A Botija encantada e o mundo do avarento. In.: ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega(org.). et al. *Historiografia e(m) diversidades: artes e artimanhas do fazer histórico*. João Pessoa, Editora da UFCG. 2010.
- DANTAS, Maria da Paz Medeiros. Desvendando o Saber Popular: Histórias e Crendices Contadas pelos Carnaubenses. In: **MNEME - Revista do departamento de História e Geografia/ UFRN**, Caicó, V. 7. N. 18, out/nove. de 2005. P. 273-294. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme.
- JESUS, Maria Monteiro de. **Entrevista concedida a Sra. Maria Lourdes Sousa**. São José de Piranhas. 25. Dezembro de 2000. Transcrita por Danilo de Sousa Cezário.
- LIMA, Messias Ferreira. *São José de Piranhas: Um Pouco de Sua História*. Cajazeiras: Editora Real, 2010.
- LÓSSIO, Rúbia. *Dicionário do Folclore Brasileiro Para Estudantes*. Disponível em: <http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/diconario.htm>.
- OLIVEIRA, Maria Irací de. **Entrevista concedida ao autor**. São José de Piranhas. 16. Junho de 2010.
- VIEIRA, José Marconi Gomes. *São José de Piranhas: Eleições e Partidos Políticos (1947 – 1964)*. João Pessoa: F&A Gráfica e Editora, 2006.